

# Primeira Parte do Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha

## CAPÍTULO I

### Que trata da condição e modo de vida do famoso fidalgo D. Quixote de la Mancha

Numa aldeia da Mancha, de cujo nome não me lembro<sup>1</sup>, não há muito tempo vivia um fidalgo dos de lança guardada no armeiro, adarga antiga, rocim fraco e galgo veloz. Um cozido de um pouco mais vaca que carneiro<sup>2</sup>, carne picada na maior parte das noites, ovos fritos com toucinho aos sábados, lentilhas às sextas-feiras, algum borracho como petisco aos domingos, consumiam três quartos dos seus rendimentos. O resto gastava-o num gibão de velarte, calças de veludo para as festas com pantufos do mesmo pano, e durante a semana engalanava-se com o velhori mais fino. Tinha em casa uma governanta que passava dos quarenta e uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um criado que trabalhava em casa e acompanhava o amo, que tanto selava o rocim como podava as árvores. Rondava o nosso fidalgo os cinquenta anos; era de compleição rija, seco de carnes, enxuto de rosto, grande madrugador e amigo da caça. Dizem que tinha o apelido de Quixada, ou Quesada, que nisto não estão de acordo os autores que escrevem sobre este assunto; embora por conjecturas verosímeis se possa entender que se chamava Quesana. Mas isto pouco importa à nossa história; basta que ao narrá-la não nos afastemos da verdade nem um ponto.

Deve, pois, saber-se que o sobredito fidalgo, nas horas em que não tinha nada que fazer — que eram as da maior parte do ano —, se punha a ler livros de cavalarias com tanto entusiasmo e prazer que esqueceu quase completamente a

caça e até a administração dos seus bens; e chegou a tanto a sua curiosidade e despropósito nisto, que vendeu muitas fanegas de terra de semeadura para comprar livros de cavalaria para ler, e assim, levou para casa todos os que conseguiu; e de todos eles nenhuns lhe pareciam tão bons como os que escreveu o famoso Feliciano de Silva<sup>3</sup>, porque a claridade da sua prosa e aquelas suas enredadas palavras pareciam-lhe uma preciosidade, e sobretudo ao chegar àqueles galanteios e cartas com desafios para contendias, onde em muitas passagens estava escrito: *A razão da sem-razão que à minha razão se faz de tal maneira enfraquece a minha razão, que com razão me queixo da vossa formosura.* E também quando lia: ... *os altos céus que da vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza.*

Com estas palavras perdia o pobre cavaleiro o juízo e esforçava-se o mais que podia para entendê-las e arrancar-lhes o sentido, que não o extrairia nem as entenderia o próprio Aristóteles, se ressuscitasse de propósito para isso. Não compreendia o que aí se explicava sobre as feridas que D. Belianis<sup>4</sup> causava e recebia, porque imaginava que, ainda que grandes cirurgiões o tivessem tratado, não deixaria de ter o rosto e todo o corpo cheio de cicatrizes e marcas. Mas, contudo, louvava no seu autor aquele acabar o seu livro com a promessa daquela infundável aventura, e muitas vezes sentiu o desejo de pegar na pena e terminá-la à letra como ali se promete; e sem dúvida alguma o teria feito e atingido os seus propósitos, se outros mais altos e contínuos pensamentos não lho tivessem impedido. Muitas vezes discutiu com o cura da sua terra — que era um homem douto, graduado em Sigença<sup>5</sup> —, sobre quem fora melhor cavaleiro: Palmeirim de Inglaterra ou Amadis de Gaula<sup>6</sup>; mas mestre Nicolau, barbeiro da mesma aldeia, dizia que nenhum chegava ao Cavaleiro do Febo, e que se algum se lhe podia comparar era D. Galaor, irmão de Amadis de Gaula, porque tinha qualidades muito apropriadas para tudo; pois não era um cavaleiro melindroso, nem tão chorão como seu irmão, e que na valentia não lhe ficava atrás.

Em resumo, D. Quixote enfrascou-se tanto na sua leitura que a ler passava as noites inteiras em claro e os dias cada vez

mais na escuridão; e assim, do pouco dormir e do muito ler, secou-se-lhe o cérebro, de maneira que acabou por perder o juízo. Encheu-se-lhe a imaginação de tudo o que lia nos livros, não só de encantamentos como contendadas, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, adversidades e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação que era verdade toda a trama daquelas soadas e sonhadas ficções que lia, que para ele não havia outra história mais verdadeira no mundo. Dizia ele que o Cid Ruy Díaz<sup>7</sup> fora muito bom cavaleiro, mas não tinha comparação com o Cavaleiro da Ardente Espada<sup>8</sup>, que de um único golpe de través rachara ao meio dois ferozes e descomunais gigantes. Mais heróico era Bernardo del Carpio<sup>9</sup>, porque em Roncesvales matara Roldão, o encantado, valendo-se da astúcia de Hércules, quando este estrangulou Anteu, o filho da Terra, entre os braços. Louvava muito o gigante Morgante<sup>10</sup>, porque apesar de ser daquela geração de gigantes, todos soberbos e insolentes, era afável e bem-educado. Mas, mais do que todos, aplaudia Reinaldo de Montalvão, e mais quando o via sair do seu castelo e roubar todos os que encontrava, e quando do outro lado do mar roubou aquele ídolo de Maomé que era todo de ouro, segundo diz a sua história. Para dar uma mão cheia de coices ao traidor de Galalão ele teria dado a governanta que tinha e até a própria sobrinha por acréscimo.

Na verdade, já louco varrido, acabou por ter a ideia mais estranha que até hoje teve um louco no mundo, e foi que lhe pareceu proveitoso e necessário, tanto para aumentar a sua honra como para o serviço da sua república, tornar-se cavaleiro andante, e ir por todo o mundo com as suas armas e o seu cavalo em busca de aventuras e executar tudo o que lera que os cavaleiros andantes realizavam, reparando toda a espécie de ofensas e expondo-se a riscos e perigos, com o que, vencendo-os, alcançasse eterno nome e fama. Imaginava-se o pobre já coroado pela coragem do seu braço, pelo menos, do império de Trapisonda<sup>11</sup>; e assim, com estes tão agradáveis pensamentos, levado pelo singular prazer que por eles sentia, apressou-se a pôr em prática o que desejava. E o que primeiramente fez foi limpar umas armas que tinham sido de seus bisavós, que, cobertas de verdete e cheias de bolor, havia longos séculos estavam postas e esquecidas num canto<sup>12</sup>. Limpou-as

e consertou-as o melhor que pôde; mas viu que tinham uma grande falta, pois não tinham celada de encaixe, mas um morrião simples. Porém, isto foi suprido pela sua argúcia, porque fez em cartão uma espécie de meia celada, que, encaixada com o morrião, parecia uma celada completa. É verdade que, para provar se era resistente e ele ficava bem defendido de uma espadeirada, desembainhou a espada e deu-lhe duas cutiladas, e com a primeira, num instante, desfez o que levava uma semana a fazer; e não deixou de parecer-lhe mal a facilidade com que a fizera em pedaços e, para resguardar-se deste perigo, voltou a fazê-la, pondo-lhe por dentro umas barras de ferro, de tal modo que ficou satisfeito com a sua resistência, e, sem querer fazer nova experiência com ela, aprovou-a e considerou-a uma celada finíssima de encaixe.

Foi depois ver o seu rocim, embora ele tivesse mais quartos do que um real<sup>13</sup> e mais defeitos que o cavalo de Gone-la<sup>14</sup>, que *tantum pellis et ossa fuit*, pareceu-lhe que nem o *Bucéfalo* de Alexandre nem *Babieca* do Cid<sup>15</sup> a ele se igualavam. Quatro dias se passaram com ele a imaginar que nome lhe daria; porque — conforme dizia ele a si mesmo — não era acertado que o cavalo de um cavaleiro tão famoso, e tão bom só por si, não tivesse um nome afamado; e assim procurava aplicar-lho de maneira que manifestasse o que fora antes de ser de um cavaleiro andante, e o que era então; pois era muito razoável que, ao mudar o seu senhor de estado, mudasse ele também o nome, e arranjasse um famoso e de grande pompa, como convinha à nova ordem e aos novos trabalhos que já professava; e assim, depois de muitos nomes que formou, riscou e deixou, acrescentou, desfez e tornou a fazer na memória e imaginação, por fim acabou por chamar-lhe Rocinante, nome, segundo lhe parecia, alto, sonoro e significativo do que fora quando foi rocim, antes do que era agora, que era antes e o primeiro de todos os rocins do mundo.

Posto um nome, e tão a seu gosto, ao seu cavalo, quis pôr um a si mesmo, e neste pensamento permaneceu outros oito dias, e afinal veio a chamar-se D. Quixote, de onde, como fica dito, deduziram os autores desta tão verdadeira história que, sem dúvida, ele deveria chamar-se Quixada e não Quesada, como outros quiseram dizer. Mas, ao lembrar-se que o valoroso Amadis não se contentara com chamar-se

Amadis sem mais, e acrescentou o nome do seu reino e terra, para a fazer famosa, e se chamou Amadis de Gaula, quis assim, como bom cavaleiro, acrescentar ao seu nome o da sua e chamar-se *D. Quixote de la Mancha*, com que, segundo lhe parecia, manifestava ao vivo a sua linhagem e a sua terra, e a honrava ao tomar dela o apelido.

Limpas, pois, as suas armas, o morrião transformado em celada, dado nome ao seu rocim, e crismando-se a si mesmo, concluiu que só lhe faltava procurar uma dama de quem se enamorasse; porque o cavaleiro andante sem amores era uma árvore sem folhas e sem fruto, e um corpo sem alma. Dizia ele a si próprio:

— Se eu, por mal dos meus pecados, ou por minha boa sorte, me encontro por aí com algum gigante, como geralmente acontece aos cavaleiros andantes, e o derrubo num recontro, ou lhe parto o corpo a meio, ou, finalmente, o venço e obriço a render-se —, não será conveniente ter a quem enviá-lo como um presente, e que ele entre e se ponha de joelhos diante da minha doce senhora, dizendo com voz humilde e rendido: «Eu, senhora, sou o gigante Caraculiambro, senhor da ínsula Malindrania, a quem venceu num combate entre nós dois o jamais bastante louvado cavaleiro D. Quixote de la Mancha, que me mandou que me apresentasse a vossa mercê para que vossa grandeza disponha de mim a seu talante»?

Oh, como folgou o nosso bom cavaleiro depois de assim ter discorrido, e mais quando achou a quem dar nome de sua dama! E foi, segundo se supõe, que numa terra perto da sua havia uma jovem lavradeira de muito bom parecer, de que ele outrora andou enamorado, embora, conforme se supõe, ela nunca o tivesse sabido, nem ele lhe deu conta disso. Chamava-se Aldonça Lourenço, e pareceu-lhe bem dar a esta o título de senhora dos seus pensamentos, e procurando para ela um nome que não desmerecesse muito do seu e que puxasse e se aproximasse do de uma princesa e grande senhora, acabou por chamar-lhe *Dulcineia do Toboso*, porque era natural do Toboso<sup>16</sup>; nome que lhe parecia harmonioso e raro e significativo, como todos os outros que a si próprio e às suas coisas pusera.